

SOBRE AS AUTONARRATIVAS E A DESCOBERTA COMPLEXA DE SI COMO MÉTODO DE PESQUISA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

ACERCA DE LAS AUTO-NARRATIVAS Y EL COMPLEJO DESCUBRIMIENTO DEL YO COMO MÉTODO DE INVESTIGACIÓN EN CIENCIAS HUMANAS

Alan Ricardo Costa*

Maira Meira Pinto**

Fabiana Piccinin***

Raquel Maria de Oliveira Viçosa****

RESUMO: Nosso objetivo com o presente artigo é discutir a produção de narrativas enquanto método/instrumento complexo de subjetivação, na ótica do Grupo de Ações e Investigações Autopoiéticas (GAIA), no qual estamos inseridos enquanto pesquisadores. A justificativa para tal proposta está atrelada à importância da subjetivação no fazer científico e nas ciências humanas, sobretudo na seara da Educação. Para dar conta do objetivo proposto, apresentamos algumas leituras e interpretações tecidas sobre autonarrativas escritas em anos anteriores (2017 e 2018) por 4 pesquisadores participantes do GAIA: dois bolsistas de iniciação científica e dois pesquisadores de Mestrado/Doutorado em Programas de Pós-Graduação em Educação. Em termos metodológicos, a leitura das autonarrativas foi desenvolvida no viés da pesquisa qualitativa, a partir de operadores teóricos com os quais trabalhamos em nossas pesquisas, sobretudo alguns conceitos fundantes do Pensamento Complexo e da Biologia da Cognição. Nesse sentido, o referencial teórico do estudo abarca a Teoria da *Autopoiesis* e outras perspectivas teóricas constituintes do Paradigma da Complexidade. De nossas leituras sensíveis e das interpretações tecidas sobre as autonarrativas, destacamos a ontoepistemogênese e a auto-organização enquanto operadores teóricos fundamentais para o estudo das autonarrativas no fazer científico contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Autonarrativas. Ciências Humanas. Complexidade. Ontoepistemogênese. Auto-organização.

* Doutor em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Docente da Universidade Federal de Roraima. E-mail: alan.dan.ricardo@gmail.com.

** Doutora em Educação e Mestra em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente da Universidade de Santa Cruz do Sul. E-mail: mmeirapinto@gmail.com.

*** Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: fabiana.piccinin@ufsc.br.

**** Mestre em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul e Bacharel em Direito pela Universidade de Cruz Alta. E-mail: advraquel.vicosa@gmail.com.

RESUMEN: Nuestro objetivo con este artículo es discutir la producción de narrativas como un método/instrumento complejo de subjetivación, desde la perspectiva del *Grupo de Ações e Investigações Autopoiéticas (GAIA)*, en el que estamos insertados como investigadores. La justificación de tal propuesta está conectada a la importancia de la subjetivación en la práctica científica y en las ciencias humanas, especialmente en el campo de la Educación. Para dar cuenta del objetivo propuesto, presentamos algunas lecturas e interpretaciones tejidas sobre las auto-narrativas escritas en años anteriores (2017 y 2018) por 4 investigadores participantes en GAIA: dos becarios de iniciación científica y dos investigadores de Maestría/Doctorado en Programas de Postgrado en Educación. En términos metodológicos, la lectura de auto-narrativas se desarrolló desde la perspectiva de la investigación cualitativa, basada en operadores teóricos con los que trabajamos en nuestra investigación, especialmente algunos conceptos fundamentales del Pensamiento Complejo y de la Biología de la Cognición. En este sentido, el marco teórico del estudio engloba la Teoría de la *Autopoiesis* y otras perspectivas teóricas que constituyen el Paradigma de la Complejidad. A partir de nuestras lecturas e interpretaciones sensibles entretejidas sobre las auto-narrativas, destacamos la ontoepistemogénesis y la auto-organización como operadores teóricos fundamentales para el estudio de las auto-narrativas en el trabajo científico contemporáneo.

PALABRAS CLAVE: Auto-narrativas. Ciencias Humanas. Complejidad. Ontoepistemogénesis. Auto-organización.

1. INTRODUÇÃO

“A narrativa tem seu início com a própria história da humanidade”.
- Roland Barthes.

A experiência da humanidade ao longo dos tempos é, sobretudo, narrativa, na medida em que narrar é constitutivo do ser humano e sua subjetividade. O enigma de viver e seu decorrente mal-estar são enfrentados a partir de processos narrativos que garantem explicações e atribuições de sentidos, com potencial para organizar o cotidiano e o conhecimento acerca do mundo. Nesse viés, narrar é organizar sistematicamente algo que já está lá. Para Nietzsche (1998), trata-se, pois, de uma questão existencial, a considerar que o indivíduo não suporta a ausência de sentido frente às coisas que precisam ser ditas e narradas.

Com efeito, considerando que cada época apresenta determinadas formas narrativas (SCHOLLES; KELLOG, 1977; BARTHES, 2011; MOTTA, 2013; COSTA, PICCININ, 2020), as sociedades narram e são narradas em razão dos contextos sócio-técnicos discursivos que lhes acompanham. Se na Era Pré-Moderna o narrar

podia ser entendido como emergência de uma prática “artesanal”, muito atrelada a interações específicas e orais, com a Modernidade, as formas e os meios de narração se complexificam e proliferam, ocupando inclusive espaços nos quais não cabiam outrora (COSTA, 2021). É nesse sentido que, hoje, há múltiplos modos de produção e difusão de narrativas – de si e do outro – em formas mais dinâmicas, complexas, rizomáticas e em escalas de abrangência que podem ser globais, abertas e de fácil acesso, atreladas a diversos suportes midiáticos e tecnológicos.

No caso das autonarrativas, estas ganham materialidade na contemporaneidade, em razão dos diferentes espaços possíveis para publicação, bem como pela facilidade para tal fim, oportunizada pelas tecnologias e por dispositivos comunicacionais atuais. É o caso da internet, por exemplo, em que websites, blogs e variados espaços midiáticos permitem a publicação e o compartilhamento de conteúdos em texto, imagens e sons (como canais do YouTube), em sites de redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram...) e em inúmeros aplicativos de mensagem instantânea (com notória hibridização das linguagens) e em estruturas hipertextuais fluídas, maleáveis (COSTA, 2021).

Apesar de recorrentes, pela facilidade de socialização, as autonarrativas ainda estão à mercê de certo descrédito no âmbito acadêmico, como em períodos históricos anteriores. Ou seja: ainda hoje o fenômeno de se autonarrar, enquanto poderoso exercício de subjetivação, não tem sido devidamente explorado e compreendido cientificamente. Por isso, é ainda menos usual apreender as autonarrativas no que diz respeito às suas potencialidades no âmbito da reflexão docente e da autoconstituição de educadores, muito embora as experiências narrativas comecem a se proliferar nos espaços universitários e acadêmicos, redesenhando a ecologia comunicacional da sociedade também no âmbito científico e investigativo.

Cumprido ressaltar que pensar sobre as potencialidades do ato de narrar enquanto ferramenta de pesquisa e reflexão docente não implica voltar às discussões acadêmicas sobre narrar verdades ou fatos. Em outras palavras: as discussões aqui propostas não consideram o debate sobre as naturezas das autonarrativas no que tange àquelas que se baseiam em fatos (e, portanto, verificáveis) e àquelas que são fruto de integral ficcionalização. Em lugar disso, interessa, sim, saber as significações tecidas e imbricadas no narrar, pois as próprias noções de “realidade” e “verdade” são

compreendidas como uma construção narrativa que, mesmo quando sobre o outro, remete ao sujeito que narra, de alguma maneira, em razão de, nesse narrar, também subjetivar-se.

Tudo o que é dito, é dito por um observador, afirmam Maturana e Varela (1997). E a “realidade”, por sua vez, é conformada a partir da explicação da experiência desse observador implicado. Este, por sua vez, é um ser vivente, um ser que se observa a si mesmo sendo, um “ser que se pensa a si mesmo no seu processo de viver, de existir, numa tentativa de explicitar as recorrências do autor” (GAI, 2009, p. 139).

Haja vista as considerações prévias, temos por objetivo compreender as narrativas enquanto método/instrumento complexo de subjetivação nas ciências humanas, na perspectiva do Grupo de Ações e Investigações Autopoiéticas (GAIA⁶¹). Entendemos que, por meio das autonarrativas, não só nos (auto)constituímos (enquanto pesquisadores) em um processo complexo, mas também ratificamos a inseparabilidade entre o “viver” e o “conhecer”, com base na Biologia da Cognição (MATURANA; VARELA, 1995; 1997).

Organizamos este texto da seguinte maneira: inicialmente, apresentamos alguns dos conceitos teóricos com os quais operamos, e os quais significamos em grande medida para estudar as autonarrativas a partir do nosso referencial teórico: o Pensamento Complexo (MATURANA; VARELA, 1997; MORIN, 2011; PELLANDA; BOETCHER, 2017; entre outros). Na sequência, apresentamos os procedimentos metodológicos para a nossa pesquisa qualitativa: lançamos olhares sensíveis sobre autonarrativas resgatadas de diários de bordo de estudantes e pesquisadores envolvidos com o GAIA e seus projetos de pesquisa e extensão. Por meio da leitura e da interpretação dessas autonarrativas (produzidas nos anos de 2017 e 2018), mostramos como se dão algumas das práticas teórico-metodológicas de estudo da autonarrativa no fazer científico, e exemplificamos alguns conceitos que emergem (e devem ser vislumbrados) nas escritas de si de bolsistas e pesquisadores do GAIA.

⁶¹ O GAIA um grupo de pesquisa coordenado pela prof^a. Dr^a. Nize Maria Campos Pellanda, atualmente professora e pesquisadora na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), que conta com a participação de docentes, pesquisadores e acadêmicos de diversas instituições, do Brasil e do exterior, como a Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e a Universidade do Minho (Portugal), por exemplo. Em suma, o GAIA é um grupo de pesquisa transdisciplinar que se vincula ao eixo “Educação e Complexidade”, conforme Costa (2021). Mais informações sobre o grupo de pesquisa em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9220919329267993>>.

2. AS AUTONARRATIVAS: INSTRUMENTO METODOLÓGICO DO GAIA

“Método”, “instrumento de pesquisa”, “análise de dados” e outros termos – ainda hoje muito recorrentes no espaço acadêmico de modo geral – podem ser empregados com sentidos e significações que aludem a um fazer científico inerente ao paradigma clássico (PELLANDA; BOETCHER, 2017; COSTA, 2021). No entanto, no tocante aos nossos interesses de estudo, no GAIA, opomo-nos a esse insustentável paradigma positivista por sua radicalidade, na medida em que pressupõe o apagamento do “sujeito autor” (ou narrador), atrelando-se à fragmentação (ou disciplinarização) excessiva dos saberes. Gai (2009, p. 138) lembra que esse paradigma científico, no apogeu na modernidade, centralizou-se na racionalidade e considerou a evidência física enquanto única premissa da verdade.

Assim, em função da necessidade de um posicionamento teórico-metodológico coerente e em sinergia com a Biologia da Cognição (MATURANA; VARELA, 1995; 1997) e com a Complexidade (MORIN, 2005a; 2005b; 2011), sinalizamos uma oposição a esse paradigma clássico esgotado (PELLANDA; BOETCHER, 2017). Optamos, com base em Costa (2021), por demarcar essa oposição ao paradigma científicista positivista evitando alguns termos considerados “malditos” pela sua limitação conceitual, bem como ressignificando outros tantos, mais capazes de vincular-se às teorias da Complexidade.

Quando tomamos, por exemplo, a etapa da “análise de dados”, entendemos que esta terminologia não estabelece sintonia com os princípios de pesquisa do GAIA (COSTA, 2021). Em primeiro lugar, porque “nada está dado”, se considerarmos o viés da física quântica complexa, na qual a realidade fundamental é indeterminada e, como tal, não entende nada como pré-determinado (PELLANDA; BOETCHER, 2017, p. 41). Ou, como diz Gai (2009, p.139): “O ambiente, tal como o percebemos é uma invenção nossa”. Consequentemente, em segundo lugar, entendemos que não “analisamos” algo, no sentido mais cartesiano da palavra, assumindo a pretensão de descrever o fenômeno, mas, sim, o interpretamos. As narrativas são, minimamente, interpretações organizadas de um narrador sobre o mundo, seus fatos, seus sentimentos. Ao lançarmos um olhar sobre as narrativas, por nossa vez, estamos interpretando-as

também, sendo o nosso trabalho fazer uma interpretação (leitura) sobre as interpretações (narrativas).

Destarte, pensamos as narrativas como instrumento complexo de cognição-subjetivação e, por conseguinte, de ontoepistemogênese. Pensar o mundo desde a concepção da ontoepistemogênese é assumir o imperativo da própria resignificação da noção de “narrativa” e, logo, de “autonarrativa”. A ideia de que a narrativa é “[...] a história resultante da sucessão de eventos e estado de coisas mediados por personagens numa perspectiva crono(lógica)” parece-nos, de fato, um olhar mais imediatista sobre o narrar, e, portanto, “aquém de sua essência e possibilidade” (PICCININ, 2012, p. 68). Pensamos a narrativa como uma mobilização potente para elaboração de sentidos fundamentais para a auto-constituição do sujeito.

Para sustentar esse pensamento, pautamo-nos em alguns aspectos mais notórios subjacentes à nossa acepção de “narrar”:

a) Toda narrativa (ficcional ou não) traz implícita a ideia de invenção (GAI, 2009). Narrar, enquanto o ato de transformar uma experiência em linguagem, nos leva à compreensão e ao entendimento da experiência, seja em relação ao fato propriamente dito, seja em relação à constituição mental/cognitiva de quem narra (GAI, 2009, p. 137). Em outras palavras, aquilo que não é narrado é como se não tivesse acontecido, enquanto o que é narrado, aconteceu, de fato ou em nossa mente. É nessa correlação que não existe vida fora do sentido. Narrar é um jeito de organizar nossos sentidos, nossos pensamentos, nossas vivências e nosso mundo.

b) Uma narrativa é, invariavelmente, uma autonarrativa. Seja por abordar a si, seja por partir de uma visão de um observador incluído, toda narrativa parte de um sujeito e, conseqüentemente, resulta de (e em) um processo autonarrativo (COSTA, 2021). Evidentemente, os termos “narrativa” e “autonarrativa” podem ser (e eventualmente são) usados como sinônimos. No entanto, grifar a presença desse narrador, que já não pode mais ser apagado ou negligenciado no ato de narrar, mostra-se necessário (COSTA; PICCININ, 2020).

c) Narrar é, pois, sempre um processo autopoietico. De acordo com Gai (2009, p. 142), “as narrativas são tessituras de palavras, são linguagem”. E, de acordo com Maturana, os seres humanos acontecem na linguagem. Assim, narrar leva, inevitavelmente, às reflexões sobre a vida e suas práticas, o que reverbera na

constante reflexão e (re)organização de sentidos do narrador, sobre si e sobre suas narrativas. Conhecer, a si e ao mundo, é sempre experiência vital. Em melhores palavras, a autonarrativa nos constitui, “[...] pois, ao narrarmos a nossa vida, vamos inventando e configurando o estilo de existir que escolhemos para nós, alimentando nossa autonomia para conduzirmos nossa vida (PELLANDA; BOETCHER, 2017, p. 69).

d) a aprendizagem, a partir das autonarrativas, não se dá de forma automática, mas a partir de gerenciamento. Aprendemos quando conseguimos gerenciar aquilo que emerge no ato de narrar-se.

O sentido de coerência interna vai se construindo na articulação de três dimensões, segundo Antonovsky (1988), que se encontram interligadas entre si, ainda que cada pessoa tenha desenvolvido mais competência numa delas do que nas outras: o sentido de compreensibilidade, o de gerenciamento e o de significação (OLIVEIRA; PELLANDA; BOETCHER; REIS, 2012, p. 30).

Organizada essa elucidação inicial sobre algumas das perspectivas teórico-metodológicas defendidas pelo GAIA, passamos a algumas interpretações sobre autonarrativas produzidas em anos anteriores, e resgatadas de diários de bordo de pesquisadores envolvidos com alguns dos nossos projetos de extensão e pesquisa.

3. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE PESQUISA NO/DO GAIA: UM OLHAR SOBRE AS AUTONARRATIVAS DO GRUPO

Como forma de dar materialidade e visibilidade àquilo que investigamos enquanto grupo de pesquisa, passamos a apresentar os princípios teóricos centrais que atravessam nossas reflexões e nossos fazeres no GAIA, por meio de extratos de autonarrativas produzidas por nós no passado (nos anos de 2017 e 2018). Optamos por esse recorte temporal porque, no referido biênio, estreitamos os laços entre os participantes do GAIA em termos de diálogo, colaboração e trabalho em rede. Mesmo atuando em diferentes projetos de pesquisa e extensão, os participantes do GAIA contaram com espaços frequentes de interação e compartilhamento de vivências e experiências, a partir de encontros presenciais semanais. Nesse sentido, não nos pareceu pertinente resgatar diários de bordo de pesquisadores envolvidos com o GAIA em anos anteriores, tampouco narrativas escritas há muito tempo, por elas

estarem distante dos debates mais atuais. Enquanto grupo que atua e pesquisa em ato, em fluxo, no viver, as produções selecionadas nos parecem mais significativas enquanto instrumento de pesquisa.

Os extratos escolhidos advêm, conforme já explicitado, de diários de bordo de bolsistas de IC (nível de graduação) e demais pesquisadores (nível de mestrado/doutorado), que comumente são compartilhados online (via ferramenta Google Drive) entre os demais membros do grupo, para usos variados em pesquisas. Optamos por quatro sujeitos de pesquisa, sendo dois de cada um dos subgrupos que nos parecia pertinente contemplar: (1) os bolsistas e (2) os mestrandos/doutorandos com pesquisas em andamento⁶².

Desse modo, desenvolvemos uma investigação de cunho qualitativo, partindo do pressuposto de que “todo conhecimento, toda ciência deve [...] comportar dupla ou múltiplas entradas [...] e construir um circuito. A constituição de um campo novo de saber [ocorre] transformando aquilo que gera as fronteiras, ou seja, os princípios da organização do saber” (MORIN, 2005a, p. 466). A partir do que vem sendo descrito, entendemos que o “método é a práxis fenomenal, subjetiva, concreta, que precisa da geratividade paradigmática/teórica, [...] é a atividade pensante [e consciente] do sujeito” (MORIN, 2000, p. 335-337). Ou seja, o método deve conter a certeza negativa de que é impossível encerrar o real em qualquer sistema de pensamento e de ponderação, seja ele qual for. Logo, o método não tem por missão encontrar a certeza perdida, mas deve constituir um pensamento que se nutre das incertezas (MORIN, 2005b), e essa metodologia proposta só pôde formar-se e formular-se numa ecologia mental complexa. Morin (2005b) entende que o pensamento ecologizado é a introdução do olhar ecológico na descrição e na explicação de tudo aquilo que vive, incluindo a vida, a sociedade, o ser humano, o espírito, as ideias e os conhecimentos.

Entendemos também que, na perspectiva das ciências humanas, o pesquisador é mais do que um observador objetivo: é um ator aí envolvido (LAVILLE;

⁶² Soma-se aos aspectos de seleção dos excertos a questão da escrita recorrente de narrativas e o compartilhamento com o grupo. Nem todos os participantes do GAIA produzem com frequência (mensalmente, ou a cada dois ou três meses) as narrativas para preenchimento dos diários de bordo; e nem todos compartilham suas narrativas com os demais. Os participantes do GAIA que não produziram ou compartilharam suas narrativas no referido período foram desconsiderados nesta pesquisa.

DIONNE, 1999), um observador incluído, ou, ainda, um cartógrafo que tece sua cartografia complexa acompanhando e vivendo, em fluxo, os processos da investigação (COSTA, 2021). Considerando esse ator envolvido, Laville e Dionne (1999) colocam ainda que os fatos dificilmente podem ser considerados como “coisas”, uma vez que os objetos de estudo pensam, agem e reagem, são atores podendo orientar a situação de diversas maneiras; “é igualmente o caso do pesquisador: ele também é um ator agindo e exercendo sua influência” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 33).

Nesse viés, quando nos referimos ao pensamento (algo indissociável do complexo ato de narrar-se), estamos revolucionando corpo-mente (como um todo inseparável, que pensa, sente e interpreta o vivido), dando-se aí o que entendemos por ontoepistemogênese, uma abordagem do processo de complexificação do humano, em *devir*, através de um princípio operador que não separa o conhecer do subjetivar-se (PELLANDA *et al.*, 2017). Temos, portanto, uma correlação entre a abordagem da ontoepistemogênese⁶³ e a metodologia de primeira pessoa:

[...] a metodologia de primeira pessoa é aquela na qual o dado é fenomenológico, no sentido daquilo que aparece para o sujeito, como experiência, a partir da atenção que o sujeito porta sobre si próprio, sobre isso que ele pode acessar de sua experiência no momento presente em que ele experimenta ou *a posteriori* (retrospectivamente). Ela pressupõe a relação do sujeito consigo mesmo em função de uma atenção a si (SADE, 2009, p 46).

Sendo assim, a escolha por aqueles sujeitos primeiros, os bolsistas de IC, dá-se por entendermos que eles, naquilo que é narrado em seus diários de bordo (das experiências vivenciadas, em especial no Projeto IPad⁶⁴), ilustram e materializam os eixos teóricos norteadores do GAIA de forma mais prática. Os pesquisadores de mestrado e doutorado, por outro lado, ao apresentarem suas autonarrativas, explicitam, no nosso entendimento, um amadurecimento teórico e metodológico

⁶³ O conceito de ontoepistemogênese foi cunhado e patenteado pelo GAIA em 2017.

⁶⁴ O Projeto IPad é uma ação de pesquisa e extensão do GAIA que tem como escopo o acompanhamento de crianças autistas trabalhando com iPad a partir de provocações lógicas, que reverberam em transformações significativas em termos cognitivos e subjetivos. A interpretação dos fenômenos vislumbrados no Projeto IPad se dá com o respaldo teórico dos estudos recentes das neurociências e das teorias do Pensamento Complexo.

daquilo que estamos compreendendo como ontoepistemogênese, marcador de suma importância na nossa trajetória de grupo de pesquisa⁶⁵.

Do mesmo modo que a escolha dos sujeitos-narradores, os marcadores teóricos elencados também não foram selecionados de forma randômica, mas a partir das emergências que se deram nas leituras efetuadas. Optamos por uma metodologia sensível de leitura das autonarrativas: uma leitura aberta ao imprevisível, cujo único filtro foi a opção pelas acepções de maior significado para nossa perspectiva teórica da Complexidade. Isto para que pudéssemos alcançar nosso objetivo nesta pesquisa, que é compreender as narrativas como método de investigação e, especialmente, como instrumento de complexificação de si enquanto pesquisador nas ciências humanas. Para tanto, e para estabelecermos o acoplamento teoria/prática, que, a nosso ver, deve ser indissociável, mesclamos o empírico (narrativas) com o teórico (marcadores epistemológicos do GAIA). E, desse atrelamento, trabalhamos com os seguintes princípios emergentes das nossas leituras: (1) “ontoepistemogênese” e (2) “auto-organização”.

No caso da ontoepistemogênese, esta se refere ao processo de complexificação de um sujeito que, ao se acoplar com seu ambiente, transforma-se de forma integral, repercutindo em todas as múltiplas dimensões de seu ser. Ao pensarmos nosso grupo de pesquisa, podemos entender que, a todo o momento, o pesquisador/bolsista está pensando sobre seu próprio processo, o que o faz se complexificar, a partir do ruído⁶⁶ do grupo, passando para outro patamar de complexidade. Quando isso ocorre, ele vai perturbar novamente o grupo (que também

⁶⁵ Para compreender o processo de amadurecimento teórico do grupo, sugerimos as leituras de: (1) BOETTCHER, Dulci Marlise; PELLANDA, Nize Maria Campos (Org.). *Vivências autopoieticas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010; e (2) PELLANDA, Nize Maria Campos; BOETTCHER, Dulci Marlise; PINTO, Maira Meira. (Org.) *Viver/conhecer na perspectiva da complexidade: experiências de pesquisa*. 1. ed. - Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017. Essas duas obras, até então, sintetizam nossos estudos, e a comparação entre as duas obras evidencia o amadurecimento/aperfeiçoamento de alguns conceitos e debates.

⁶⁶ Tomamos emprestado o conceito de “complexificação pelo ruído” de Atlan (2000), que refere que “[...] o mundo físico mostra-se num movimento sem ordem, aleatório, que não faz nenhum sentido para um observador externo. Mas, uma vez incluído esse observador, emerge o sentido a partir da ação efetiva na ordem viva posicionando-se como alguém que inventa o mundo e não o contempla de fora simplesmente” (GUSTSACK; PELLANDA; BOETTCHER, 2017, p. 20). A partir daí, o autor vai formular o “princípio da complexificação pelo ruído” usando para isso o pressuposto da dimensão significativa dos seres vivos (*idem, ibidem*).

se complexifica), obrigando-os a novas reconfigurações (PELLANDA; BOETCHER, 2013; COSTA, 2021).

O processo de ontoepistemogênese, na perspectiva autopoietica, nos leva a pensar o processo de auto-organização como inseparável dos processos de fluxo vital e imbricamento contínuo do ser, tanto no que se refere aos processos internos como aos processos externos. Por auto-organização, estamos nos referindo às flutuações inerentes aos sujeitos, isto é, àquelas situações que levam o sistema a se movimentar, a se auto-organizar e a se reconfigurar (GUSTSACK, PELLANDA; BOETTCHER, 2017, p. 19). A auto-organização é princípio de todo sistema complexo. De acordo com Gustsack, Pellanda e Boettcher (2017, p. 20), ela e a complexificação são princípios que “estão no coração de uma epistemologia complexa e estão profundamente articulados entre si na medida em que o processo de complexificação crescente depende dos processos auto-organizativos”.

A cognição torna-se, pois, inseparável dos processos de viver, em razão das ações do sujeito, nas quais a ontoepistemogênese e a auto-organização abarcam seu processo de complexificação. De tal modo, conhecemos, aprendemos e vivemos de forma integrada, conjunta, uma vez que “[...] os seres humanos constroem sua ontoepistemogênese no processo de resposta inventiva às perturbações externas e através de uma energização, que é resultado das conexões e pertencimento às redes” (PELLANDA; BOETTCHER, 2013, p. 283).

4. RESULTADOS DA PESQUISA: AUTONARRATIVAS E AUTOCONHECIMENTO DOS SUJEITOS

Apresentados os conceitos de ontoepistemogênese e auto-organização, bem como suas implicações sobre a experiência vital, sobretudo na experiência narrativa, passamos, então, à interpretação dos extratos de autonarrativas de 2 bolsistas e 2 pesquisadores envolvidos com o GAIA em 2017 e 2018. Começamos pelas autonarrativas dos bolsistas de IC, que à época da escrita ainda não estavam totalmente inteirados dos conceitos e referenciais teóricos com os quais trabalhamos, mas que já permitiam notar, nas narrativas, a ontoepistemogênese, seja por meio da

“desestabilização” e do “disparo de questões” (como no relato do Sujeito A⁶⁷), seja por meio da “transformação pessoal” (como no relato do Sujeito B):

Em minha primeira participação nos atendimentos, leve um choque de realidade⁶⁸, pois nunca havia tido algum contato com crianças diagnosticadas com TEA. Foi realmente um grande susto (um susto essencial para despertar ainda mais minha curiosidade). (Sujeito A)

Cada encontro possibilitou uma transformação pessoal, pois não era somente o contato visual através de um espelho, mas sim a construção de uma nova concepção de sujeito que se iniciava naquele espaço. As crianças diagnosticadas com TEA⁶⁹ podem mostrar de diferentes modos suas potências. Nos atendimentos semanais, ficou evidente para mim a importância do iPad (tecnologia touch) para o processo de auto-organização das crianças. (Sujeito B)

Acompanhar as crianças tem sido uma experiência muito rica, pois consigo perceber a grande mudança e o real acoplamento que a tecnologia touch tem em suas vidas. [...] É mágico poder reconhecer o quanto esses pequenos meninos me ensinam apenas sendo quem são. Tenho certeza que esse projeto ainda vai me disparar muitas questões importantes, tanto pessoais quando profissionais, pois mesmo que eu fique atrás do espelho nos atendimentos, reconheço o meu dever com a pesquisa e com as próprias crianças. (Sujeito A)

Os pesquisadores de mestrado e doutorado, por sua vez, já contam com uma trajetória acadêmica mais longa, com maior número de leituras e estudos, o que possibilita mais correlações com aspectos teóricos de diferentes autores. Essa parece ser a razão para a ontoepistemogênese estar mais facilmente reconhecida, sobretudo nas alusões à “cognição” – de um sujeito complexo – enquanto conceito que abarca a “reconhecimento” e a “invenção” (Sujeito D), e nas alusões à reinvenção da experiência vital (Sujeito C):

Essa auto-escuta que me faz refletir, assim procurando relacionar a concepção de “ser humano” com ideias correlatas como: ética, destino e felicidade. Neste sentido, vejo a ampliação do conceito de cognição, quando nele são incluídos tanto reconhecimento quanto invenção. (Sujeito D)

⁶⁷ A fim de preservar as identidades, utilizamos códigos para nomear os narradores/participantes da pesquisa: Sujeito A, Sujeito B, e assim por diante.

⁶⁸ Em alguns casos, sublinhamos as palavras e as expressões que melhor ilustram os operadores teóricos que estamos debatendo.

⁶⁹ Transtorno de Espectro Autista. O Sujeito B está fazendo referência, em sua autonarrativa, a um dos principais tópicos de estudo do GAIA, conforme pode ser visto na linha de pesquisa “Tecnologia *touch* e autismo: uma abordagem complexa”. Para mais informações, ver a página no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/9220919329267993648276>>.

Vivi e vivo momentos de afeto no GAIA que ultrapassa sentimentos pessoais, são modos de sentir com o outro. Se alguém do grupo não está se sentindo bem por algum motivo/situação, sempre há alguém para conversar, para junto reinventarem-se na experiência. (Sujeito C)

Acredito que à medida que o agente educativo se reconheça enquanto “Sujeito Complexo”, poderá assumir seu papel como docente/discente no cotidiano educacional, ou seja, se assumir enquanto coprodutor da realidade, interrogante, criativo, colaborador (labor em conjunto); buscando sistematicamente o global, rizomático, o multidimensional e o complexo nos saberes tratados nas instituições de ensino, e assim se preparando mais efetivamente para uma existência mais relevante e feliz, tanto individual como coletivamente. (Sujeito D)

Ao pensarmos o observador incluído como elemento imprescindível à metodologia de nossas investigações no GAIA, adentramos na perspectiva da auto-organização, já mencionada em linhas prévias e muito presente nas narrativas, principalmente aquelas escritas pelo Sujeito B. Com efeito, praticamente todas as autonarrativas remetem (in)diretamente à auto-organização, que é (outro) pressuposto teórico caro para o nosso grupo. O funcionamento do princípio de auto-organização envolve a não-linearidade, a desestabilização e a presença do aleatório, que com frequência são registradas nos diários de bordo.

Partimos, assim, do pressuposto de que o sistema nervoso é uma rede fechada, que obedece às suas próprias leis de funcionamento; por isso, o conhecer é uma operação interna. Tal entendimento envolve a articulação profunda entre ser e conhecer, ao passo que aquilo que acontece com cada ser nada mais é do que um processo vívido de acoplamento, e não a representação de algo exterior. Logo, a auto-organização é sempre um trabalho criador no interior do sistema.

A autonomia, ao mesmo tempo, implica a dependência com o mundo externo, uma vez que os processos auto-organizativos dependem do meio ambiente (biológico, sociológico ou cultural). Nesse sentido, a auto-organização se manifesta na autonomia, que invariavelmente é dependente do mundo externo, provedor das perturbações disparadoras de movimentos não previsíveis em um processo de complexificação crescente. Nas palavras de Maturana e Varela:

A autonomia dos seres vivos é uma alternativa à posição representacionista. Por serem autônomos, eles não podem se limitar a receber passivamente informações e comandos vindos de fora. [...] Mas se os virmos em seu relacionamento com o meio, torna-se claro que dependem de recursos externos para viver. Desse modo, autonomia e dependência deixam de ser opostos irreconciliáveis: uma complementa a outra. Uma constrói a outra e

por ela é construída, numa dinâmica circular (MATURANA, VARELA, 1995, p. 14).

Morin (2004) postula que os seres vivos são seres auto-organizadores, que não param de se auto-produzir e, por isso mesmo, dependem energia para manter sua autonomia. Como têm necessidade de retirar energia, informação e organização de seu meio ambiente, sua autonomia é inseparável dessa dependência; é por isso que precisam ser concebidos como seres auto-eco-organizadores. O princípio de auto-eco-organização vale especificamente para os humanos – que desenvolvem sua autonomia na dependência de sua cultura – e para as sociedades – que se desenvolvem na dependência de seu meio geológico (MORIN, 2004, p. 95).

Não existe um ser em si, mas por si, justificando, assim, a auto-organização como causa de si, com base em Atlan (2000). Nessa perspectiva, Maturana e Varela (1995) têm razão ao afirmar que (1): viver é conhecer e conhecer é viver, e (2) tudo que é visto é visto por um observador. Portanto, nossas explicações (científicas) são sínteses de nossas narrativas e experiências vividas no cotidiano. Ou seja, participamos e vivemos a vida e o conhecimento a partir da interação que temos com os seres (vivos/humanos), saindo da atitude passiva para vivermos em interação conosco e com o meio, em atitude ativa. Vivemos aprendendo e aprendemos vivendo.

Os extratos que seguem indicam a direção que está sendo afirmada, pois ilustram caminhos percorridos por observadores (incluídos) e seus processos de auto-organização:

Ainda sem muito entender as questões teóricas estudadas pelo grupo, segui participando dos atendimentos com muito entusiasmo, percebendo cada gesto e movimento realizados pelas crianças, que aos poucos foram me disparando reflexões acerca de suas condições, e me fazendo questionar possíveis problemas que elas enfrentam diariamente. (Sujeito A)

Nesse contexto do GAIA, me vejo e me situo [com estes princípios] nos momentos de estudo de forma rizomática, de compartilhamentos no GAIA, junto aos meus colegas no sentido de auto-escuta, invenção de si mesmo, autofazer-se, autocriar-se humano, tessituras, encadeamentos, interações, recursividades, retroações, fusão de horizontes, dialogicidade, fluxo de diálogos. (Sujeito D)

Percebo a tecnologia após estudos, ações e investigações como possibilidades de auxiliar os sujeitos a aprender, agir e serem autores dos seus percursos de aprendizagens, de vida. Hoje, para mim, a tecnologia é inseparável da constituição da vida humana. Acredito na potência destes espaços que o GAIA proporciona, bem como a construção coletiva de novas formas de viver e conhecer o mundo. (Sujeito B)

Nas vivências do/no GAIA, me reinventei inúmeras vezes e, em narrativas, conto, invento, reinvento minhas histórias [...]. Assim, para mim a narrativa, é uma das formas pela qual eu experimento o mundo. (Sujeito C)

Esta autoescuta, o estudo e a presença prática são como que minha transposição para o mundo das dinâmicas da complexidade: uma forma de raciocínio que pretere as lógicas funcionais e os métodos hierárquicos a favor de uma deriva de múltiplas formas, imagens, sensações e intensidades, transformando toda a experiência num fluxo ininterrupto de descobertas. (Sujeito D)

Durante as discussões e o acompanhamento dos atendimentos, foi possível compreender processos de conhecer e viver das crianças e meu, que demandaram determinados entendimentos sobre nossas singularidades. (Sujeito B)

As reuniões após os atendimentos sempre se mostraram imensamente construtivas, pois foi assim que comecei a ter um contato maior com a Teoria da Complexidade, ainda um pouco confusa pra mim (prometi que me dedicaria mais para estudá-la nas férias), além de podermos discutir todas as reflexões, questionamentos e possíveis ações para intensificar as vivências dos atendimentos. A frase “viver é aprender e aprender é viver” nunca fez tanto sentido para mim. (Sujeito A)

Em devir constante posso dizer que, um afeto é como uma variação intensiva no modo de sentir, onde não buscamos algo já dado, mas traz um desejo por algo que está sendo inventado, na convivência com o outro, com o meio, com espaço para acolher na experiência, as diferenças, o pensamento, o sentimento e as histórias contadas/inventadas. (Sujeito C)

A partir dos extratos de autonarrativas destacados, buscamos materializar nosso processo enquanto sujeitos e enquanto grupo de sujeitos que exercita o viver e o fazer pesquisa na perspectiva da Complexidade, como forma de conhecimento e de vida. O processo de ontoepistemogenese e auto-organização – que contemplam a complexificação (pelo ruído) do indivíduo – se mostram inerentes a nossa maneira de sermos pesquisadores e nos incluímos nos processos e fenômenos que pretendemos investigar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A considerar que nós, pesquisadores (observadores implicados), estamos vinculados à educação do conhecer/viver em ato, devemos salientar que a aprendizagem a partir das autonarrativas se dá quando conseguimos gerenciar aquilo que emerge no ato de narrar-se.

Assim, desenvolvemos a presente pesquisa de natureza qualitativa, objetivando debater sobre (e exemplificar) o uso e a prática do estudo de autonarrativas nas ciências humanas. O pressuposto básico subjacente ao estudo é: enquanto metodologia, o narrar-se em primeira pessoa é constitutivo não só da pesquisa, mas também do ser humano. Em outras palavras: narrar os fenômenos que emergem quando direcionamos a atenção para si é deixar vir à consciência o que se sente, o fenomenológico, organizar o pensamento de forma oral ou escrita, e aí está a autonarrativa, que, como método, é o acoplar a si com o meio. Se em outros momentos históricos essas considerações sobre a narrativa no âmbito acadêmico – e fora dele – não pareciam ser adequados, na contemporaneidade, esse olhar nos parece urgente (COSTA; PICCININ, 2020).

Finalmente, os resultados de nosso estudo sobre os extratos analisados indicam como principais marcadores teóricos presentes nas autonarrativas (1) a ontoepistemogênese e (2) a auto-organização. A partir dos extratos de autonarrativas destacados, materializamos nosso processo enquanto sujeitos e enquanto grupo de estudantes e pesquisadores que exercita o viver e o fazer acadêmico-científico, na perspectiva da Complexidade (MORIN, 2000; 2011; COSTA, 2020), como forma de conhecimento e de vida (ou de conhecimento vital).

Destacamos, portanto, a necessidade de compreender, nas autonarrativas contemporâneas, a ontoepistemogênese e a auto-organização (complexificação pelo ruído), que se mostram inerentes ao nosso modo de sermos pesquisadores e nos incluímos nos processos e fenômenos que pretendemos investigar. É a partir dessa compreensão que podemos qualificar o olhar científico, em termos de aprofundamento do objeto de estudo e das leituras/interpretações tecidas sobre ele, tanto de quem está se inserindo na pesquisa quanto de quem já está mais avançado no processo de estudo das narrativas.

REFERÊNCIAS

ATLAN, Henri. **Conhecimento**. 2 vol. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

BARTHES, Roland. Introdução à Análise Estrutural da Narrativa. In: BARTHES, Roland *et al.* (Org.). **Análise estrutural da narrativa**. 7ª ed. Petrópolis: Loyola, 2011. 300p.

BOETTCHER, Dulci Marlise; PELLANDA, Nize Maria Campos (Org.). **Vivências autopoieticas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

COSTA, Alan Ricardo. **Contribuições para uma cartografia complexa da ontoepistemogênese**: autonarrativas e formação docente na Educação a Distância. Tese de Doutorado em Letras. UNISC: Santa Cruz do Sul. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/3092/1/Alan%20Ricardo%20Costa.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2021.

COSTA, Alan Ricardo. Sistemas Adaptativos Complexos e Linguística Aplicada: organizando a literatura da área. **Revista Domínios de Linguagem**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 311-339, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/47672>>. Acesso em: 17 jan. 2021.

COSTA, Alan Ricardo; PICCININ, Fabiana Quatrin. Memoriais autobiográficos no viés da Complexidade: um conceito para a formação docente. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 18, p. 231-252, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/27263>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

GAI, Eunice Terezinha Piazza. Narrativas e conhecimento. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, Passo Fundo, v. 5, n. 2, p. 137-144, jul./dez. 2009.

GUSTSACK, Felipe; PELLANDA, Nize Maria Campos; BOETTCHER, Dulci Marlise. Contribuições para uma Epistemologia da Complexidade. In: **Viver/conhecer na perspectiva da complexidade** - Experiências de pesquisa. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos**: auto-poiese - a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**: as bases biológicas da compreensão humana. Tradução: Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Palas Athena, 1995, 270p.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Tradução: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza**. Tradução: Ilana Heineberg. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

MORIN, Edgar. **O método 2: a vida da vida**. Tradução: Marina Lobo. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A teoria da narrativa – narratologia. In: MOTTA, Luiz Gonzaga. (Org.). **Análise crítica da narrativa**. Brasília (DF): Editora da UnB, 2013. p. 71-93.

OLIVEIRA, Clara Costa; PELLANDA, Nize Maria Campos; BOETTCHER, Dulci; REIS, Ana (Org.). **Aprendizagem e sofrimento: narrativas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

PELLANDA, Nize Maria Campos; BOETTCHER, Dulci Marlise. O esgotamento do paradigma clássico e a emergência da Complexidade. In: PELLANDA, Nize Maria Campos; BOETTCHER, Dulci Marlise; PINTO, Maira Meira (Org.). **Viver/conhecer na perspectiva da complexidade - Experiências de pesquisa**. 1ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017.

PELLANDA, Nize Maria Campos; BOETTCHER, Dulci Marlise. A construção de um projeto de pesquisa na perspectiva da complexidade. In: **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 2, p. 274-289, jul./dez. 2013.

PELLANDA, Nize Maria Campos; BOETTCHER, Dulci Marlise; PINTO, Maira Meira. (Org.) **Viver/conhecer na perspectiva da complexidade - Experiências de pesquisa**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1760/1/Viver%20conhecer%20na%20perspectiva%20da%20complexidade.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

PICCININ, Fabiana. O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. (Org.) **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012, v. 1, p. 68-88.

SADE, Christian. Enação e Metodologias de Primeira Pessoa: o reencantamento do concreto das investigações da experiência. **Informática na Educação: teoria & prática** Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 42-58, 2009.

SCHOLES, Robert; KELLOG, Robert. **A natureza da narrativa**. São Paulo: McGraw-Hill, 1977. 234p.

Recebido em: 20/12/2021.

Aprovado em: 14/07/2022.